

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS¹

Marcia de Souza Coutinho²

RESUMO

Estamos vivendo tempo de grandes mudanças sociais, e considerando que um dos principais segmentos da sociedade, a religião, também, sofre grandes mudanças, é importante considerar essas mudanças de paradigmas, também no meio cristão evangélico. Mas o que temos observado são Igrejas, principalmente as Igrejas Assembleia de Deus, uma estagnação. Esta denominação não consegue perceber que as mulheres assumiram papéis de grande relevância e toda submissão, antes delegada a elas, já não faz mais sentido na sociedade em que estamos inseridas, pois o mundo girou, o tempo passou e tudo mudou. Hoje elas são maioria dentro das igrejas, desenvolvem os principais trabalhos na ação social, na ação missionária, na liturgia dos cultos, mas estão sempre posicionadas nos bastidores das Igrejas. Ainda há Igrejas da Assembleia de Deus que não permitem que mulheres exerçam posições administrativas e pastorais dentro das Igrejas. O presente trabalho de conclusão de curso em Teologia aponta, entretanto, para alguns sinais de mudanças na atuação das mulheres na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Há movimento e transformação.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Assembleia de Deus; Mulheres; Mudanças.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos temos observado a liturgia e a dinâmica nas Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus, e também como as mulheres têm sido desvalorizadas nesse ambiente religioso. Por isso escolhemos esse tema “A atuação das Mulheres na Igrejas Assembleia de Deus”. A teologia feminista afirma a valorização o trabalho das mulheres na teologia e nas igrejas cristãs.

Estamos vivendo um tempo de grandes mudanças sociais. Também as igrejas são afetadas por estas transformações. Passamos por um grande momento, uma época marcada pela “efervescência religiosa.”³ Vivemos profundas mudanças econômicas e sociais e também

¹ Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Artigo sob orientação do Prof.^a Dr.^a. Claudete Beise Ulrich, Graduação em teologia Faculdade Unida de Vitória/ES, Ano 2020.

² Graduanda do Curso de Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. marciasoutinho@hotmail.com.com

³ CAMPOS, Leonildo Silveira. As mutações do campo religioso: Os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 7, n. 1 [9], 2002, p. 97-100. p. 97. Disponível em:

religiosas, há um crescimento dos evangélicos no Brasil e na América Latina, após os anos de 1960.² De acordo com Walter Altmann

Na década de 1940, eles constituíam apenas 2,6% da população brasileira, mas, desde então, este grupo religioso revelou-se como um dos que mais crescem no Brasil. Progrediu para 3,4% da população total em 1950, para 4% em 1960, para 5,2% em 1970, para 6,6% em 1980, para 9% em 1991, para 15,4% no ano 2000 e para 22,2% de acordo com o censo realizado no ano de 2010.³

Este crescimento dos evangélicos está também apresentando transformações na moral da sociedade brasileira.⁴ Importante perguntar se estas mudanças têm fortalecido o papel ou não das mulheres como lideranças nas comunidades religiosas. Originalmente a relação de gênero nas igrejas em especial na Assembleia de Deus se norteia por uma interpretação fundamentalista bíblica, que afirma uma hierarquia entre homens e mulheres. No texto I Timóteo 2:11-12 lemos: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” e em 1º Coríntios 14:34-35: “As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar”. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos, porque é indecente que as mulheres falem na igreja”, bem como outras semelhantes. Buscamos, portanto, perceber se estas convicções bíblicas fundamentalistas, isto é, sem considerar o contexto e a história destas passagens bíblicas, continua a nortear a vida das comunidades, não valorizando a atuação das mulheres na Assembleia de Deus. É isso que pretendemos investigar na presente pesquisa. A Igreja Assembleia de Deus faz parte do pentecostalismo histórico⁵, sendo uma das maiores igrejas evangélicas no país.

A Igreja Assembleia de Deus a partir da sua interpretação bíblica afirma uma visão machista e não afirma a igualdade de gênero. Segundo Francisco Rolim Cartaxo esta visão machista é bastante predominante no Brasil; talvez pela formação pentecostal sócio histórica.⁶

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/1493/1518>>. Acesso em 25 maio 2020.

² BITTENCOURT FILHO, José. Política de Deus: Um ensaio sobre democracia e religião. *Reflexus*, ano IV, n. 4, 2010, p. 95-104. p. 107. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/116/70>>. Acesso em 20 maio, 2020.

³ ALTMANN, Walter. *Censo IBGE 2010 e Religião*. Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1122-1129, 2012. p. 1124. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1122/4444>>. Acesso em 20 de maio 2020.

⁴ SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. (Org.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 15.

⁵ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et all. *Nem anjos nem demônios*. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 70.

⁶ ROLIM CARTAXO, Francisco. *O Que é Pentecostalismo*, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 46.

Aqui é importante lembrar que a história de Frida Maria Strandberg Vingren, missionária fundadora da Assembleia de Deus ficou esquecida e escondida quase um século.⁷

Para desenvolvermos a presente pesquisa, buscamos investigar à luz das literaturas existentes, como os processos de mudanças socioeconômicas, têm interferido nos processos tradicionais de relação de gênero dentro da Assembleia de Deus no Brasil, buscando perceber a atuação das mulheres assembleianas. Buscamos perceber se a interpretação do discurso bíblico, que afirma que a mulher silencie na igreja, está enraizado em uma ideia machista e preconceituosa. Também queremos examinar se já existe algum processo de mudanças nas relações de gêneros, percebendo onde as mulheres estão atuando na Igreja Assembleia de Deus.

Para ser mais específica buscamos perceber as transformações relacionadas aos usos e costumes, interpretação bíblica na Assembleia de Deus sobretudo em relação ao gênero, que tradicionalmente se pauta por uma relação machista e hierárquica, onde o marido tem o poder sobre a esposa e o pastor sobre a comunidade. É muito importante abordar este tema de forma reflexiva, podendo o mesmo se tornar um tema na prática, isto é, na vida cotidiana da comunidade, provocando mudanças dentro do corpo das lideranças e também da própria membresia da Assembleia de Deus.

Para problematizar e proporcionar a intencionalidade da presente pesquisa formulamos a seguinte questão problema: É possível encontrar evidências convincentes de que o ministério de mulheres é restrito de acordo com alguns princípios bíblicos “sagrados ou imutáveis” ou as mulheres tem buscado serem valorizadas em seus trabalhos na Assembleia de Deus, buscando uma transformação da tradição machista e hierárquica que norteia a vida comunitária desta igreja? Para responder ao problema proposto foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base em autores e autoras que dissertam sobre a Igreja Assembleia de Deus, papel da mulher na Igreja Assembleia de Deus e sobre preconceito de gênero nas Igrejas Evangélicas Pentecostais.

Para Marconi e Lakatos, a finalidade deste tipo de pesquisa é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.⁸ Pela importância da pesquisa bibliográfica com base do conhecimento científico produzido na Universidade, destacamos aqui a conceituação de Severino:

⁷ ULRICH, Claudete Beise Ulrich; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow da. *Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida*: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Pistis Praxis, Teologia e Pastoral*, v. 10, n. 3., 2018, p. 625-656. p. 651. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/24511/23206>>. Acesso em 20 maio 2020.

⁸ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 45.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.⁹

Esta pesquisa foi conduzida através de abordagem qualitativa baseada em pesquisas bibliográficas de livros e artigos. Ainda de acordo com Severino:

A pesquisa qualitativa é uma metodologia de caráter exploratório. Seu foco está no caráter subjetivo do objeto analisado. Em outras palavras, busca compreender o comportamento de indivíduos, estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos. Esse método, as respostas costumam não ser objetivas, ou seja, os resultados obtidos não são contabilizados em números exatos.¹⁰

O artigo inicia apresentando alguns aspectos da história da Igreja Assembleia de Deus no Brasil, em seguida reflete sobre a identidade feminina no meio pentecostal tradicional e, por fim, aponta para alguns sinais de mudança na atuação das mulheres na Igreja Assembleia de Deus. Conclui-se que esta igreja está em movimento, apresentando mudanças nos usos e costumes e, de forma lenta, incluindo as mulheres nos diferentes ministérios, ainda que o discurso oficial aponte para o papel tradicional das mulheres como esposas e mães, as guardiãs da família.

ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus é o segundo grupo pentecostal a chegar no Brasil. Ela foi fundada por dois missionários suecos, que vieram dos Estados Unidos para Belém do Pará: Daniel Gustav Hogberg (Daniel Berg) e Adolph Gunnar Vingren. Segundo Maxwell Pinheiro Fajardo

Ambos os missionários eram de procedência batista. Embora fossem suecos, se conheceram em uma conferência pentecostal em Chicago (EUA) em 1909. Haviam migrado para lá alguns anos antes, em consequência da crise sueca e da “febre pelos Estados Unidos” do início do século XX. Em Chicago tomaram contato com o pentecostalismo, movimento religioso em expansão no início do século XX, cuja principal ênfase estava no batismo com o Espírito Santo, experiência caracterizada

⁹ SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 122.

¹⁰ SEVERINO, 2007, p. 125.

pelo falar em línguas estranhas (fenômeno da glossolalia). O pentecostalismo também enfatiza a cura divina e a mensagem escatológica.¹¹

Os missionários Berg e Vingren chegaram em 1910 em Belém do Pará. A princípio, eles frequentaram a Igreja Batista em Belém do Pará denominação a que ambos pertenciam nos Estados Unidos. Os missionários suecos trouxeram consigo a doutrina do batismo no Espírito Santo, com a glossolalia — o falar em línguas espirituais (estranhas), a cura divina e a mensagem escatológica. A nova doutrina apresentada pelos missionários trouxe divergência na Igreja Batista. Um grupo e outro rejeitou. É apontada a data de 13 de junho de 1911 a exclusão de um grupo de 18 pessoas da Igreja Batista, formando a nova Igreja.¹²

O inicial da nova igreja foi Missão da Fé Apostólica, que já era empregado pelo movimento de Los Angeles, mas sem qualquer vínculo administrativo com William Joseph Seymour. A partir de então, o grupo passou a reunir-se na casa de Celina de Albuquerque, considerada a primeira convertida a nova fé. Em 1914 a igreja já estava presente em três estados do nordeste e em 1923 chegaria ao sudeste do país, através de famílias migrantes do norte e nordeste.

Em 18 de janeiro de 1918 a nova igreja, por sugestão de Gunnar Vingren, passou a chamar-se Assembleia de Deus. Este nome havia sido assumido em 1914, em Hot Springs, no estado do Arkansas, por pastores pentecostais de diferentes pequenas denominações. Estes se uniram e “fundaram o Concílio Geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos da América (o que explica a noção de “assembleia” no nome da igreja, com a junção de diversas denominações em um mesmo concílio)”.¹³

A Assembleia de Deus teve início no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, e ganhou um grande impulso com a transferência de Gunnar Vingren, de Belém, em 1924, para a então capital da República. Um fato que marcou a igreja naquele período foi a conversão através de um folheto evangelístico de Paulo Leivas Macalão, filho de um general e precursor do assim conhecido Ministério de Madureira, o qual iniciou em 1929.¹⁴

¹¹ FAJARDO, Maxwell Pinheiro. O campo religioso em Belém do Pará: Reflexões sobre o evento fundador da Igreja Assembléia de Deus no Brasil. *Mneme – Revista de Humanidades*, 11(29), 2011, p. 405-420. p. 408. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1023/974>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

¹² FAJARDO, 2011, p. 410.

¹³ FAJARDO, Maxwell Pinheiro. “*Onde a luta se travar*”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980) Assis: Universidade Estadual Paulista, 2015, p. 69. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf?sequence=1>>. Acesso em 15 maio de 2020.

¹⁴ FRESTON, 1994, p. 90-91.

Uma data importante no processo de institucionalização da Assembleia de Deus acontece em 1930 quando é criada a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por iniciativa dos pastores brasileiros. A primeira assembleia geral acontece em Natal, RN, onde fica decidido que os pastores brasileiros ficariam responsáveis pelas igrejas do norte e nordeste, enquanto os missionários estrangeiros se responsabilizariam por novas igrejas a serem abertas no sul e sudeste brasileiros.¹⁵

Esta primeira convenção tem um significado histórico para as mulheres assembleianas, que foi esquecida e invisibilizada. Nesta reunião esteve presente a missionária Frida Maria Strandberg Vingren, esposa do missionário Vingren. Nesta convenção aconteceu um debate sobre a ordenação de mulheres ao ministério na Assembleia de Deus, com argumentos bíblicos, como por exemplo Joel 2.28. No entanto, a convenção não acatou a reivindicação e até o momento esta é uma questão controversa na Assembleia de Deus.¹⁶ Importante destacar que a metade ou até mais da membresia da Igreja são mulheres.¹⁷

A IDENTIDADE FEMININA NO MEIO PENTECOSTAL TRADICIONAL

A busca pelo protagonismo das mulheres nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil é um fenômeno social que tem sublinhado seu envolvimento e sua participação cada vez maiores nas esferas públicas, contribuindo, desta maneira, para a consolidação de uma nova identidade para elas. Os processos de transformação do papel das mulheres no âmbito da Igreja Assembleia de Deus ainda encontram uma resistência vinculada a interpretação fundamentalista de textos bíblicos, fortalecida por ideias patriarcais, enraizadas na cultura machista, como já vimos anteriormente. É uma visão que naturaliza os papéis de gênero. Importante dizer que gênero é entendida, neste trabalho, de acordo com a autora Joan Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.¹⁸ Percebemos que as relações de gênero na Igreja Assembleia de Deus são de poder do homem sobre a mulher e para isto são utilizados textos bíblicos, que são interpretados de forma fundamentalista, apoiados pela cultura machista brasileira.

¹⁵ FAJARDO, 2011, p. 410.

¹⁶ ULRICH; VILHENA; SILVA, 2018, p. 640-641.

¹⁷ MOTA, Elba Fernanda Marques. O feminino pentecostal: uma análise da revista “Círculo de Oração” da Igreja Assembléia de Deus, *ABHR*, 2008, p. 1-10. p. 1. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/mota-elba.pdf>. Acesso em: 22 maio de 2020.

¹⁸ SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.” *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1990. p. 14.

Neste sentido é importante, perceber que, muitas vezes, a Bíblia é utilizada como um elemento de poder, pois é entendida como a Palavra de Deus, sem uma perspectiva de leitura histórica e contextual. De acordo com Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa,

Essa interpretação relega o papel social da mulher a uma visão machista, baseada no discurso que deve ser protegida, impedindo-a de ser líder em várias igrejas das Assembleias de Deus (AD) e igrejas derivadas desta denominação, pentecostal tradicionais ou ortodoxas. Além de lhes denegar cargos de liderança, os membros da AD em seu discurso e práticas diárias, tratam suas esposas e filhas como submissas e em um papel secundário impedindo de alcançar suas potencialidades. A mentalidade machista muitas vezes vem das próprias mulheres que para se auto justificar ou serem vistas nessa comunidade como Santas ou Mulheres de Deus aceitam esse quadro e ensinam suas filhas e novas fiéis da comunidade a se portar segundo essa visão machista. O problema se agrava quando percebemos que se trata da maior igreja protestante da América latina.¹⁹

Portanto, como já refletimos nas próprias mulheres evangélicas, desde pequenas é inculcada a submissão e que as mulheres necessitam ser protegidas. Este discurso tem impedido muitas mulheres de se desenvolverem e de se assumirem enquanto sujeitos com autonomia e com decisão própria. Isto também impede que muitas se desenvolvam e assumam papéis de lideranças. Elas querem ser vistas como Santas ou Mulheres de Deus, não tendo uma perspectiva crítica do que isto de fato significa. Para elas ser *Santas* ou *Mulheres de Deus* é obedecer o pastor, o pai e ou o marido. Mesmo que a participação das mulheres seja bastante expressiva nas igrejas evangélicas

No entanto, ainda que a participação feminina no conjunto das igrejas evangélicas seja consideravelmente superior à participação masculina, o exercício de funções de liderança por parte das mulheres ainda é bastante limitado no que diz respeito ao pastorado. Embora outras funções de liderança com menores amplitudes, tais como a direção de escola bíblica dominical e a organização de grupos de oração, sejam comumente atribuídos às mulheres, o exercício do pastorado pela parcela feminina ainda é bastante restrito. Isso se deve ao fato de que o pastorado implica a posse de maior poder eclesial, uma questão problemática e de difícil resolução em uma hierarquia religiosa fundamentalmente pautada no elemento masculino.²⁰

No entanto, é importante deixar claro que muitas mulheres à medida que vão estudando e se formando, buscam romper com este modelo de submissão. As novas formas de

¹⁹ COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus. *Caderno de Gênero e Tecnologia.*, v.9, n. 33, p. 60-76, 2016, p. 61. Disponível em: <periodicos.utfpr.edu.br > cgt > article > download.> Acesso em 20 maio de 2020.

²⁰ SILVA, Janine Targino da. Lideranças Pentecostais Femininas da Baixada Fluminense: análise de questões teórico-metodológicas acerca do assunto. *32º Encontro Anual da Anpocs*, 27 a 31 de outubro de 2008, p. 1-29. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt34-5/2637-janinesilva-liderancas/file>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

subjetividade feminina e a construção de identidades de gênero estão ligadas à participação das mulheres e ao seu carisma pessoal, agregando valor ao combate a relações assimétricas entre os gêneros. Dentre os fatos que fortalecem para uma maior presença feminina nas igrejas evangélicas estão os espaços alternativos criados para a discussão de problemas familiares e femininos, o que viabiliza a elaboração de redes sociais que auxiliam as mulheres de diversas formas. Como afirma Patricia Birman

Uma forma de compreender essa peculiar participação feminina nas igrejas pentecostais é de explicá-la pela divisão social do trabalho entre os gêneros que faria coincidir as religiões que tratam das « aflições » com a maior participação das mulheres, já que esses assuntos pertencem à esfera do trabalho doméstico. Esses cuidados femininos serão, desse modo, vistos como algo que lhes seria uma atribuição específica que é compreendida em função do seu estatuto de gênero na divisão de trabalho no interior da família. Esse papel de gênero pode ser mais ou menos condizente com certos ethos religiosos.²¹

O pentecostalismo exerce uma tração especial sobre pessoas despossuídas de direitos, como negros, pobres, doentes, idosos, desempregados e mulheres. Além disso, não devemos esquecer que as igrejas pentecostais tratam fundamentalmente das aflições humanas, e tais assuntos, geralmente, estão vinculados à esfera doméstica. Em função disso, cria-se uma situação onde a mulher passa a exercer o importante papel de mediadora na relação com o sagrado dentro de suas famílias. As mulheres novamente ficam com as cargas das aflições humanas, pois o papel dela é cuidar dos problemas do âmbito privado. Percebemos que a atuação das mulheres está no carregar as *cargas das aflições* seja no grupo de oração na igreja e buscar manter a harmonia na família. Birman diz que a responsabilidade diante da família é, pois, essencialmente, materna e apresenta o seguinte depoimento:

Mas graças a Deus, Deus mudou a vida dele (marido). Ele não vai orar, eu que oro por ele. É aquele lance né, a gente pede a Deus que Deus guarde a gente e a família, né? Porque a família não vai, mas eu tenho a direção de Deus, eu tenho a palavra para dar. Eu sempre tenho óleo ungido em casa e sempre que tem algum problema eu unjo ele. E ele deixa..²²

A mulher, enquanto mãe e esposa, também exerce um papel fundamental enquanto aquela que ora e exerce a mediação do sagrado, a partir desta ação ela afasta as aflições e o mal da família. Neste sentido, que a autora diz que através das mulheres (mães e esposas)

²¹ BIRMAN, Patricia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, (6/7), 2010, p. 201-226. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868>>. Acesso em 23 de maio de 2020.

²² BIRMAN, 2010, p. 216.

as pessoas estão sendo protegidas e afastadas do mal. É sobretudo no âmbito das famílias que têm na mulher e na mãe uma pessoa ativa na igreja que vemos surgir pessoas que estão continuamente sendo protegidas dos males provenientes de forças diabólicas, ou seja, pessoas que estão usufruindo de uma relação de proximidade com a igreja através dessa mediação feminina. Essa mediação pode, no entanto, ser recusada pelas pessoas enquanto mediação que pretenda servir de ponte à conversão e será aceita enquanto atividade ritual capaz de resolver os problemas que as afligem.²³

Desta forma, vai se perpetuando um papel tradicional delegado às mulheres como protetoras da família. No entanto, não é refletido com ela que neste processo também se mostra um grande poder que é dado a ela. É a mulher que é relegado um papel de intermediadora entre Deus e as pessoas. A mulher ora, Deus ouve e o mal se dissipa. Será? No entanto, isto significa uma carga muito grande para as mulheres. O que acontece quando não tem mudanças, quando o mal não é dissipado. Novamente a culpa do mal do mundo recai sobre as mulheres. O mito de que Eva trouxe o mal ao mundo está de forma dissimulada nesta forma de imputar às mulheres a força da oração para transformar situações. Haidi Jarschel aponta que a interpretação de Eva como culpada pelo pecado foi colocada na história da Igreja por Agostinho:

Nesta mesma direção temos um modelo fundante do cristianismo de modelos femininos. A partir do cristianismo dominante a mulher é considerada mais frágil e sem capacidade de autonomia: precisa ser vigiada, protegida, guiada, policiada, por que, a qualquer momento pode encarnar-se numa “Eva” e fará uma besteira, se torna desviante, atrapalhará a ordem, trará confusão... Eva (cujo significado é “mãe de tudo o que vive” – a grande deusa mãe no matriarcado) é apresentada na tradição como aquela que trouxe o mal ao mundo, a que desobedeceu a divindade, transgrediu a ordem. Agostinho (século IV) associou de forma relevante o mal e o pecado à mulher e a sexualidade. Desde então o cristianismo bebeu desta fonte agostiniana e construiu-se uma identidade feminina negativa.²⁴

É necessário perceber como é colocada uma dupla carga sobre as mulheres. Por um lado, a importância do seu papel como mediadora na relação com o sagrado, através da participação na igreja, oração, trabalhos diaconais voluntários entre outras atividades, e por outro lado a necessidade da obediência e da submissão ao seu papel de mãe e esposa.

De acordo com Ivone Gebara existe uma visão pessimista do ser humano, incapaz de amar e de ser feliz. Restaria, portanto, obedecer. Fazer exatamente assim como Jesus o fez em

²³ BIRMAN, 2010, p. 217.

²⁴ JARSCHTEL, Haidi Jarschel, NANJARÍ, Cecília Castillo Nanjarí. *Religião e violência simbólica contra as mulheres. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. p. 1-8. p. 4. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari_62.pdf>. Acesso em 20 maio. 2020.

relação à vontade de Deus, até a sua morte. É baseada na imitação desse sacrifício que se justificaria a obediência feminina.²⁵ Riane Eisler pondera acerca de passagens bíblicas do Antigo Testamento que reforçam os argumentos apresentados por Gebara:

Conforme se lê no Antigo Testamento, as leis criadas por essa casta masculina dominante definiam as mulheres como propriedade privada dos homens e não como seres humanos livres e independentes. Primeiro pertenciam a seu pai. Depois, pertenciam a seus maridos ou senhores, como também os filhos que gerassem²⁶.

Portanto, a partir de interpretações teológicas as mulheres foram reduzidas a esfera doméstica, ao papel de mães e esposas. Aquelas que também são culpadas pelo mal no mundo, por isto, necessitam fazer de tudo de forma silenciosa e submissa para tirar o pecado e o mal do mundo. É nesta perspectiva que o acesso das mulheres a cargos ou funções estratégicas dentro das igrejas ainda é limitado.

Anthony Giddens, entretanto, diz que a “religião e tradição sempre tiveram uma vinculação íntima, e esta última é ainda mais solapada do que a primeira pela reflexividade da vida social moderna²⁷. Portanto, isto significa que é necessário perceber que a sociedade está em mudanças. Atualmente, muitas mulheres já não aceitam mais estes lugares colocados pelas igrejas. Importante perceber que também na Igreja Assembleia de Deus estão acontecendo transformações nas relações de gênero.

O PAPEL DA MULHER NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS: ALGUNS SINAIS DE MUDANÇA

A Igreja Assembleia de Deus apresenta diferenças, dependendo da sua localização geográfica, do público que nela participa. Aqui também é importante destacar que também os papéis das mulheres na Igreja Assembleia de Deus variam e tem diferentes nuances. Hoje também já encontram pastoras nesta Igreja, conforme pesquisa de mestrado de Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa, defendida já em 2006, com o título *Alteração das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir do bairro Bom Retiro em São Paulo, especialmente no que diz respeito a usos e costumes das mulheres, mudanças na forma de vestir, de usar o cabelo, maquiagem, entre outras.*²⁸

²⁵ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

²⁶ EISLER, R. *O Cálice e a Espada: nosso passado, nosso futuro*. São Paulo: Palas Athena, 2007. p. 151.

²⁷ GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 122.

²⁸ CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *Alteração das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir do bairro Bom Retiro em São Paulo, especialmente no que diz respeito a usos e costumes das mulheres*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2006, p. 93.

Neste sentido, o que Rolim Cartaxo, apresenta em 1987 sobre usos e costumes da Igreja Assembléias de Deus está em em mudança. Ele diz que tradicionalmente as Assembleias de Deus são conhecidas por impor uma adequação moral aos seus membros no que se refere às vestimentas, impõe um jugo pesado inadequado ao clima brasileiro, tachando o que é ou não uma roupa decente. Essa é uma visão fundamentalista, mas que tem mudado, porém há muito ainda que mudar. As mulheres não se podiam cortar o cabelo, homens não podem ter cabelo comprido, de preferência o corte deve ser padronizado como o do pastor ou raspado, mulheres só podem usar saia comprida, no mínimo abaixo do joelho, homens podem andar de calça social e camisa, preferencialmente comprida, mas os obreiros no culto só podem portar terno e gravata, não importa o calor, mulheres não podiam usar adornos ou maquiagem.²⁹ Neste aspecto dos usos e costumes na Igreja Evangélica Assembleia de Deus percebemos grandes transformações, como já apontado pela pesquisa de Marina.

No entanto, ainda que a participação feminina no conjunto das igrejas evangélicas seja consideravelmente superior à participação masculina, o exercício de funções de liderança por parte das mulheres ainda é bastante limitado no que diz respeito ao pastorado. Já há muitas pastoras atuando, no entanto, muitas vezes estas pastoras são esposas de pastores. Importante lembrar que a ordenação feminina já “é aceita a ordenação em várias congregações desde que no dia 23 de abril de 2005, quando foi sagrada pastora, a cantora gospel Cassiane, fato que entrou para a história da Assembleia de Deus.”³⁰ No entanto, como afirma Costa “em vários ministérios ainda não é aceito que mulheres sejam pastoras. Dentre os que não aceitam estão, por exemplo, o ministério Ipiranga, Belém, Missionária, entre os que aceitam estão os ministérios Madureira, Torre Forte e várias congregações locais.”³¹

Fundamental lembrar que as mulheres estão, em sua maioria, em outras funções de liderança consideradas menores, tais como a direção de escola bíblica dominical e a organização de grupos de oração. O exercício do pastorado ainda é algo a ser conquistado por grande parte das mulheres feminina ainda é bastante restrito. Isso se deve ao fato de que o pastorado implica a posse de maior poder eclesiástico, uma questão problemática e de difícil resolução em uma hierarquia religiosa fundamentalmente pautada no elemento masculino, que prega a divisão nos papéis de gênero, hierarquizando os mesmos. Uma questão importante colocada por Maria das Dores Campos Machado em relação à ordenação de mulheres aponta

²⁹ ROLIM CARTAXO, 1987, p. 18.

³⁰ COSTA, 2016, 65.

³¹ COSTA, 2016, 65.

que nem sempre as mudanças nas hierarquias eclesíásticas resultam das reivindicações e da pressão das mulheres que as integram. Fatores de outra natureza, como por exemplo o acirramento da competição religiosa e o reduzido número de homens para o sacerdócio podem favorecer a adoção do pastorado feminino em algumas igrejas. Assim, torna-se imprescindível o exame dos critérios e dos mecanismos mais comuns de ascensão das mulheres para se avaliar o impacto das propostas feministas de maior equidade entre os gêneros nas agremiações pentecostais.³²

O próprio desenvolvimento da história vai forçando mudanças nas igrejas e assim também na Assembleia de Deus. A autora coloca que a competição religiosa e poucos homens no sacerdócio colabora para mudanças no papel da mulheres nas Igrejas. A pergunta que se coloca é se a presença de mais mulheres nos ministérios ordenados trará mudanças mais igualitárias nas relações de gênero. Por isto, é importante na continuidade da pesquisa observar se o ministério ao pastorado será aberto para todas as mulheres ou somente para mulheres casadas e ou mulheres esposas de pastores.

Qual é o papel da Teologia neste aspecto? Importante lembrar o que nos diz Ivone Gebara que a “teologia feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos.”³³ A teologia feminista propõe como critério hermenêutico, não qualquer experiência, mas a experiência das mulheres, que transita entre opressão e alienação até libertação e emancipação. Segundo Ruether:

A experiência humana é o ponto de partida e de chegada do círculo hermenêutico. (...) A singularidade da Teologia Feminista não reside em seu uso do critério da experiência, mas antes, em seu uso da experiência das mulheres, que no passado foi quase que inteiramente excluída da reflexão teológica. Portanto, o uso da experiência das mulheres na teologia feminista explode como uma força crítica, revelando que a teologia clássica, incluindo suas tradições codificadas, baseia-se na experiência masculina, e não na experiência humana universal.³⁴

A teologia feminista coloca no centro da reflexão a experiência das mulheres que no passado foi invisibilizada, escondida e ocultada. Portanto, na medida que se reflete sobre o papel das mulheres e que elas tem as mesmas capacidades para exercer os ministérios como os homens acontecerá mudanças na igreja, na família e também na sociedade.

³² MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, 13(2): 256, 2005, p. 385-396. p. 391. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26891.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2020.

³³ GEBARA, Ivone. Teologia, feminismo e filosofia. *Revista Cult*, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2IJ5KZx>. Acesso em 20 mai. 2020..

³⁴ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 18

Então na medida que mais mulheres estudarem Teologia e começarem a ter um outro olhar sobre os textos bíblicos, a história da igreja, se fortalecerem enquanto mulheres, adquirindo autonomia crítica podemos acreditar em mudanças que tragam igualdade de gênero nas comunidades também da Igreja Assembleia de Deus, assim como o apóstolo Paulo expressou em Gál 3.28 "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sóis um em Cristo Jesus." Importante afirmar que a teologia feminista, bem como a reflexão sobre o papel das mulheres e as relações de gênero são fundamentais nos estudos da Teologia. A teologia feminista não é só para mulheres é para homens e mulheres, pois busca novas relações mais igualitárias e respeitadas, com menos violência. A Igreja é feita da diversidade das pessoas e todas são importantes. É necessário incentivar, cada vez mais, que as mulheres estudem e se preparem também teologicamente.

Conclusão

Como podemos perceber as Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus, passam por profundas mudanças em seus direcionamentos morais e teológicos. O mundo está passando por grandes mudanças em todas as áreas. Mudanças há sempre na história, mas a intensidade do momento é única. Estas mudanças também atingem a família, as relações de gênero.

Há mudanças significativas pois desde 2005 oficialmente há ordenação de pastoras nesta igreja. Também pesquisadoras e pesquisadores tem recuperado a história de Frida Vingren, há também uma releitura da história da Igreja, apontando para o papel relevante das mulheres desde o início da Igreja.

É importante deixar claro que estas mudanças não estão presentes em todas as congregações da Assembleia de Deus, depende muito da localização das igrejas e do grupo social que participa na Igreja. No entanto, é necessário ressaltar o papel das mulheres que oram pelas angustias familiares e do mundo. Provavelmente destes grupos de oração irrompem uma grande força e esperança para a vida de muitas pessoas.

Claro que ainda existem as Assembleia de Deus que mantém o seu tradicionalismo machista (por exemplo que mantém homens e mulheres em lados opostos da igreja). No entanto, há mudanças importantes, as mulheres estão conquistando lugares de fala e de atuação. As mudanças estão cada vez mais visíveis, com a entrada das mulheres no mundo do trabalho e nas suas conquistas de direitos. É certo que com acesso à educação de qualidade o povo brasileiro, assim como os/as Assembleianos/as podem a vir a mudar radicalmente de ideia sobre as conquistas de direitos de gênero, influenciando também pastores e lideranças. Há mulheres

estudando teologia, fazendo mestrado e inclusive doutorado, trazendo outras reflexões para dentro da família, igreja e inclusive a sociedade. Neste sentido, também há mudanças acontecendo nos papéis exercidos pelas mulheres na Assembleia de Deus. Alguns passos têm sido dados e se pode observar um avanço nas relações de gênero nessa pertença religiosa.

Porém assim como esses assuntos dividem opiniões dentro da sociedade Brasileira, assim também o é entre o meio Assembleiano. A opinião nunca é unanime, e entre jovens Assembleianos/as, com mais acesso a estudo as opiniões já se encontram radicalmente contra o discurso apresentado entre os mais conservadores. O futuro é visto com esperança de transformação.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. *Censo IBGE 2010 e Religião*. Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1122-1129, 2012. p. 1124. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n28p1122/4444>>. Acesso em 20 de maio 2020.

BIRMAN, Patricia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, (6/7), 2010, p. 201-226. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868>>. Acesso em 23 de maio de 2020.

BITTENCOURT FILHO, José. Política de Deus: Um ensaio sobre democracia e religião. *Reflexus*, ano IV, n. 4, 2010, p. 95-104. p. 107. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/116/70>>. Acesso em 20 maio, 2020.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As mutações do campo religioso: Os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 7, n. 1 [9], 2002, p. 97-100. p. 97. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/1493/1518>>. Acesso em 25 maio 2020.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alteração das características tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: um estudo a partir do bairro Bom Retiro em São Paulo, especialmente no que diz respeito a usos e costumes das mulheres. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2006.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus. *Caderno de Gênero e Tecnologia*., v.9, n. 33, p. 60-76, 2016. Disponível em: <[periodicos.utfpr.edu.br > cgt > article > download](http://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/download)> Acesso em 20 maio de 2020.

EISLER, R. *O Cálice e a Espada: nosso passado, nosso futuro*. São Paulo: Palas Athena, 2007.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-159.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. O campo religioso em Belém do Pará: Reflexões sobre o evento fundador da Igreja Assembléia de Deus no Brasil. *Mneme – Revista de Humanidades*, 11(29), 2011, p. 405-420. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1023/974>>. Acesso em 15 de maio de 2020.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. “*Onde a luta se travar*”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980) Assis: Universidade Estadual Paulista, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132222/000851874.pdf?sequence=1>>. Acesso em 15 maio de 2020.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. Teologia, feminismo e filosofia. *Revista Cult*, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2IJ5KZx>. Acesso em 20 mai. 2020.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

JARSCHER, Haidi Jarschel, NANJARÍ, Cecília Castillo Nanjarí. Religião e violência simbólica contra as mulheres. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. p. 1-8. p. 4. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari_62.pdf>. Acesso em 20 maio. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, 13(2): 256, 2005, p. 385-396. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26891.pdf>. Acesso em 15 de maio de 2020.

MOTA, Elba Fernanda Marques. O feminino pentecostal: uma análise da revista “Círculo de Oração” da Igreja Assembléia de Deus, *ABHR*, 2008, p. 1-10. p. 1. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/mota-elba.pdf>>. Acesso em: 22 maio de 2020.

ROLIM CARTAXO, Francisco. *O Que é Pentecostalismo*, São Paulo: Brasilense, 1987.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.” *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1990. p. 14.

SILVA, Janine Targino da. Lideranças Pentecostais Femininas da Baixada Fluminense: análise de questões teórico-metodológicas acerca do assunto. *32º Encontro Anual da Anpocs*, 27 a 31

de outubro de 2008, p. 1-29. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt34-5/2637-janinesilva-liderancas/file>> Acesso em 20 de maio de 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. (Org.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

ULRICH, Claudete Beise Ulrich; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow da. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Pistis Praxis Teologia e Pastoral*, v. 10, n. 3,. 2018, p. 625-656. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/24511/23206>>. Acesso em 20 maio 2020.